VIOLÊNCIA, FILOSOFIA E CINEMA: INCURSÕES E DIÁLOGOS ENTRE EMMANUEL LÉVINAS E INGMAR BEGRMAN

Wagner Alves Reis¹

RESUMO

A violência sob a ótica do pensamento filosófico de Emmanuel Lévinas e da perspectiva fílmica de Ingmar Bergman. Analisar a violência através do diálogo entre os olhares filosófico e cinematográfico. Realização de pesquisa bibliográfica de algumas obras de Lévinas e de outros comentadores a fim de pontuar sumariamente conceitos básicos desse filósofo e pesquisa documental de três filmes de Bergman, identificando elementos comuns entre as produções dos célebres intérpretes do século XX. A violência como reflexo da ausência da Alteridade e de encontro face-a-face com o Outro. O cinema e a filosofia auxiliando-se reciprocamente exercício de compreender e inferir sobre o fenômeno humano.

Palavras-chave: Ética. Rosto. Outro. Alteridade. Filme.

Violence from the perspective of Emmanuel Lévinas' philosophical thinking and Ingmar Bergman's film perspective. Analyze violence through the dialogue between philosophical and cinematographic perspectives. Bibliographic research of some works by Lévinas and other commentators in order to summarize basic concepts of this philosopher and documentary research of three films by Bergman, identifying common elements among the productions of the famous 20th century interpreters. Violence as a reflection of the absence of Alterity and of a face-to-face encounter with the Other. Cinema and philosophy helping each other to understand and infer about the human phenomenon.

Keywords: Ethics. Face. Other. Alterity. Movie.

INTRODUÇÃO

“Somos responsáveis por tudo e por todos”
Dostoiévski em Os Irmãos Karamázovi

O tema violência proposto pela Jornada Filo-Teológica, promovida pela Faculdade Católica de Feira de Santana, estimulou a delimitação do tema-título do presente artigo; que por sua vez, apresenta como objetivo principal analisar a violência através do diálogo entre os olhares filosófico e cinematográfico.

As motivações para a delimitação desse recorte filosófico do tema-título remetem às experiências e discussões estabelecidas ainda quando cursava a graduação em filosofia há duas décadas. Em 1994, aconteceu meu primeiro contato

---

¹ Mestre em História (2012), Especialista em História da Bahia (2008) e Licenciado em História (2003) pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

com o pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas e seu conceito de Alteridade. Na ocasião, foi realizado um evento ao longo de uma semana no qual as discussões e debates envolveram o filósofo supracitado. A curiosidade sobre o tema da Alteridade foi aguçado e desde então este conceito manteve-se presente em reflexões e inferências filosóficas.

No que se refere ao viés cinematográfico na escola do tema basta afirmar que foi exclusivamente o fascínio pelo cinema que sempre esteve presente na formação acadêmica e atuação profissional; ao longo de uma trajetória de dezoito anos como educador a linguagem cinematográfica marcou o olhar sobre a realidade e exercício docente. Muito diretores de cinema conseguiram exercer sua influência seja pelos temas apresentados seja pela abordagem e estilo adotados em seus filmes. Entre alguns destes cineastas o nome de Ingmar Bergman manteve um *cadeira cativa* ao lado de outros tão importantes para o cinema na lista de cineastas preferidos.

Estabelecer um diálogo entre Lévinas e Bergman pareceu-me um desafio a ser empreendido, para tanto foi necessário revisitar a filosofia de Lévinas com seu conceito de Alteridade, além de outros conceitos tão caros como Rosto, Responsabilidade, Encontro e Outro. E no que tange a Bergman foi imprescindível assistir alguns seus filmes e acompanhado de detalhadamente leitura de sua biografia. Uma vez estabelecida a linha de investigação selecionei os filmes e após assisti-los realizou-se um exercício de análise comparativa entre os temas e abordagens desse cineasta com os conceitos levinasianos.

A apresentação das discussões resultantes da pesquisa bibliográfica sobre o pensamento de Lévinas e da pesquisa documental dos filmes de Bergman foi organizada obedecendo a seguinte ordem: primeiro, uma breve análise da trajetória de vida do filósofo e do cineasta, e em seguida identificadas chaves de leitura comuns sobre a visão de mundo que os dois desenvolveram; segundo, uma exposição sucinta do pensamento levinasiano a partir do esclarecimento sobre o conceito de Alteridade e seus correlatos abordados por Lévinas; terceiro, uma análise fílmica dos filmes bergmanianos selecionados; e, finalmente, uma leitura mais apurada sobre o fenômeno violência tendo como pressupostos o pensamento levinasiano e o cinema bergmaniano naquilo que apresentam em comum.

VIDAS EM COMUM: UM BREVE PASSEIO

Quando a violência invade a vida de uma pessoa, marcas indeléveis são registradas em sua alma. E incontáveis páginas e livros não conseguiram registrar as cicatrizes cravadas a “ferro e fogo” em milhares de homens e mulheres ao longo da história da humanidade, e especificamente no decurso do “breve” século XX e do púbere século XXI. Dois aspectos se destacam para uma compreensão mais profícua sobre os efeitos da violência.

O primeiro diz respeito à *continuidade da violência*, ou seja, a violência nem sempre permanece isolada numa experiência singular e individual, pois toda existência humana pressupõe o encontro com outras existências humanas. Assim sendo, a violência pode, em muitos casos e com diferentes intensidades, perpetuar suas marcas nas gerações seguintes à pessoa que ela atingiu primeiro. Filhos, cônjuges, amigos... Todos que conviverem com pessoas vitimadas pela violência estão potencialmente sujeitas a sentirem seus reflexos. O segundo aspecto, se refere às *repercussões psicológicas da violência*. As mesmas marcas da violência sejam simbólicas e/ou físicas, se estendem e permanecem no nível psicológico da vítima, influenciando e determinando a maneira como enxerga sua existência enquanto ser humano e suas relações.

A partir dessa discussão preliminar é possível identificar as razões para a abordagem comparativa sobre a vida e o pensamento dos dois personagens em questão: Emmanuel Lévinas e Ingmar Bergman. Ambos foram vítimas da violência desprendida por outros. Vivenciaram-na de formas distintas e a legaram também de maneira diferente. **Emmanuel Lévinas**, (1905-1996), judeu, nascido na Lituânia, vivenciou os horrores da II Guerra Mundial na qual sua família foi morta logo no início do conflito. Serviu no exército francês como tradutor. Capturado pelos alemães acabou sendo levado para um campo de trabalhos forçados na Alemanha, livrando-se dos campos de extermínio justamente por está fardado como soldado francês. Definiu o século XX, como o sendo um período evidenciado pela subjugação do ser humano por outro ser humano, pelos totalitarismos de direita e de esquerda, por guerras mundiais, pelos genocídios e pela barbárie. **Ingmar Bergman**, (1918-2007), sueco, foi submetido a uma educação severa e marcado pela relação autoritária que seu pai dispensava a sua mãe. Sobre os castigos que recebia descreve que era trancado num armário escuro e silencioso, do qual só era retirado após muitos berros e chutes que dava e, mesmo com o intermédio da mãe, não ficava livre de

receber uma sucessão de pancadas disferidas pelo pai através de uma bengala. O suicídio de sua ama-de-leite; e morte do irmão e da mãe; e a ausência do pai são relatadas e sentidas em sua autobiografia “Lanterna mágica”. Não obstante suas peculiaridades e trajetórias pessoais, é possível perceber que os célebres personagens desenvolveram um olhar sobre a violência e as relações humanas, orientado pela mesma incessante atenção à pessoa do outro. E justamente a partir do conceito de *Outro*, e dos correlatos *Alteridade* e *Rosto* presentes – explícita e implicitamente – nas produções de Lévinas e Bergman respectivamente, que o presente texto pretende discorrer.

LÉVINAS: A ÉTICA DA ALTERIDADE

Para o filósofo lituano Emmanuel Lévinas, a filosofia predominante no mundo ocidental do século XX priorizava uma dimensão ontológica, que aprisionava a Alteridade numa categoria universal, negando o que lhe era singular e diferente. Para entender o outro seria necessário executar uma conceituação extremamente racional sobre o ser humano. Esta perspectiva da filosofia ocidental exclui qualquer possibilidade de relação entre um ser e outro, pois o outro é apenas um conceito a ser compreendido.

A crítica levinasiana à filosofia ocidental consiste em afirmar que, quando se pretende entender racionalmente o ser, o ser é apenas nomeado, coisificado, dominado e negada a sua autonomia (LÉVINAS, 2005). A compreensão do outro se dá simultaneamente ao diálogo / encontro com o outro. Como o próprio Lévinas afirma “Compreender uma pessoa é já falar-lhe. Pôr a existência de outrem, deixando-a ser, é já ter aceito essa existência, tê-la tomado em consideração.” (2005, p.27)

Quando Lévinas, afirma que o outro não é somente objeto de análise, mas também e principalmente, de interlocução, ele evidencia que a compreensão do Outro acontece na abertura ética da Alteridade. Nesta, o sujeito é desafiado a dar uma resposta aos apelos do outro em cada situação particular, assumindo a responsabilidade pelo Outro. Sendo assim, a Alteridade não pode ser pensada sem a análise do conceito de Rosto.

O Outro que se manifesta no Rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abrisse a janela onde sua figura, no entanto já se desenhava. Sua presença consiste em se despir da forma que, entretanto, já a manifestava [...]. É precisamente isto que nós descrevemos pela fórmula: o Rosto fala. (LÉVINAS, 2009, p.51).

O encontro com o Outro coincide com a responsabilidade por ele. Nessa experiência de encontro e responsabilidade pelo Outro ocorre ética por excelência. “O encontro com Outrem é imediatamente minha responsabilidade por ele”. (LÉVINAS, 2005, p. 143). O encontro é manifestação da linguagem, que acontece na relação face-a-face, na qual ocorre o acolhimento do outro, a transcendência.

BERGMAN: O CINEASTA DA ALTERIDADE

A produção artística de Ingmar Bergman manteve-se prolífera durante os sessenta anos que separam o primeiro e o último filme de sua extensa produção cinematográfica. A diversidade de temáticas e abordagens é outro aspecto que marca a trajetória fílmica desse célebre cineasta.

Mesmo com esta diversidade tão marcante de temas e abordagens, existe um “fio de Aridne” que alinhava e une os filmes de Bergman: a temática existencialista, sob a ótica do filósofo dinamarquês Kierkegaard. E para fins de discussão aqui pretendida outro amálgama surge para estreitar os vínculos da filmografia bergmaniana, a saber, a Alteridade. Este conceito que é postulado pelo existencialismo, foi apropriado e explorado mais intensamente por Lévinas, como foi apresentado anteriormente. E é justamente acerca do conceito de Alteridade, e dos já citados “Rosto” e “Outro” que será realizada a análise fílmica sobre as películas de Bergman selecionadas.

Devido à extensão da filmografia de Bergman foi necessário executar um filtro para selecionar os filmes que melhor ilustrassem os conceitos levinasianos citados acima. A partir dessa situação foram escolhidos três filmes, especificamente os que compunham a conhecida “trilogia do silêncio”. Os filmes “Através de um espelho” (1961), “Luz de inverno” (1961-62) e “Silêncio”.

Sobre os filmes da trilogia do silêncio, Bergman tece o seguinte comentário sobre a comunicação humana nos três filmes que a compõe:

O que importa mais do que tudo na vida é ser capaz de fazer esse contato com outro humano. Caso contrário você está morto, como muitas pessoas hoje estão mortas. Mas se você pode dar o primeiro passo em direção a comunicação, em direção a compreensão, para o amor, então não importa o quão difícil pode ser o futuro – e não tenham ilusões, mesmo com todo o amor do mundo, viver pode ser infernalmente difícil, então vocês são salvos. Isto é tudo o que realmente importa, não é? (BERGMAN, 1964)

É evidente nesta afirmação de Bergman que a “comunicação humana” ocorre em pequenas cenas nos três filmes quebrando o “silêncio” predominante. Não o silêncio da palavra, mas o silêncio do encontro. E nem somente a comunicação humana da palavra, mas também o do encontro, de Outro com Outro. Um encontro na perspectiva levinasiana. Quando ocorre comunicação da palavra não está plena de Encontro, mas de dominação e violência de um uma pessoa com outra. Não há Alteridade, como postulava Lévinas.

No primeiro filme da trilogia, *Através de um espelho*, aborda-se a relação entre os membros de uma família, em específico a atitude do pai frente à filha esquizofrênica recém-saída do internamento e ao filho carente de afeto. O pai vai se deslocando de uma atitude de indiferença e de abandono para uma postura de envolvimento. O clima de Encontro e Alteridade acontece no diálogo aberto e sincero entre pai e filho, concluído com uma última fala do filho, olhando o pai se dirigindo a outro local (saindo de cena): “Papai falou comigo” (BERGMAN, 1961). [VER FIGURA 1]

Uma simples fala (três palavras apenas) que denuncia como a Alteridade vivenciada Através do Encontro e expressa na Responsabilidade pelo Outro, supera toda e qualquer violência, não só a do silêncio. O próprio título do filme remete a essa relação ambivalente que se estabelece entre as pessoas quando dispostas a se responsabilizarem reciprocamente. O Outro diante de mim, se tornar um espelho no qual me compreendo enquanto pessoa. O título é também uma referência à Epístola de São Paulo aos Coríntios (13,11) “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois veremos face a face...”. O Encontro com o Outro é como uma relação com o espelho. Inicialmente o que vemos pode ser obstruído pela incapacidade de abertura e Alteridade, mas na medida em que nos dispomos ao Encontro, assumindo uma postura de Alteridade, conseguimos enxergar mais nitidamente, de fato vemos “face-a-face”, como na fala do filho em relação ao seu pai, descrito acima.

FIGURA 1 – Cena do filme *Através de um espelho*

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=atraves+de+um+espelho+filme>

No segundo filme, *Luz do inverno*, é ilustrada a relação de um pastor protestante de uma pequena comunidade cristã na fria Suécia com uma mulher que frequenta a igreja onde o pastor atua. O pastor é viúvo, se encontra numa crise de fé e não se sente mais aberto ao amor depois do falecimento da esposa. A mulher, também descrente, ama intensamente o pastor, mas não consegue demonstrar seus sentimentos. Por vezes essa incapacidade provoca repulsa no pastor. Novamente o Encontro acontece entre os personagens bergmanianos. Um Encontro de Alteridade após outros encontros mal fadados. Um encontro de silêncio entre as partes envolvidas, porém marcado pela eloquência do olhar e da intenção dos personagens na cena em que o pastor inicia o culto para uma assembleia composta por apenas uma pessoa, a mulher que o ama. E deste Encontro, surge a possibilidade do pastor nutrir um novo amor e renovar sua fé. (BERGMAN, 1961-62)

No último filme, *Silêncio*, cujo título esboça a intenção de Bergman em explorar ainda mais o silêncio da palavra. Neste filme, duas irmãs e o filho de uma delas viajam de trem. Uma das irmãs (Ana) possui um sentimento incestuoso pela outra (Ester) e pelo seu próprio filho (Johan), que é manifestado pelo controle de Ana sobre Ester e por uma relação ambígua com o Johan. Há um problema de comunicação entre as duas irmãs que recai numa nítida hostilidade. O silêncio da palavra entre Ana e Ester é como um grito de socorro marcado pela falta de ternura recíproca. A possibilidade de Encontro entre as duas irmãs não se dá face-a-face (perspectiva levinasiana), mas sim através de uma carta escrita por Ester e destinada diretamente ao sobrinho, e indiretamente à irmã Ana. A reprodução das falas da cena em que Johan recebe pode ilustrar melhor a discussão:

Ana: – O que é isso? (olhando a carta nas mãos de Johan)

Johan: – Ester me escreveu uma carta.

Ana: – Uma carta? Deixe-me ver. (Toma a carta das mãos de Johan)

Para Johan. Palavras em outra língua. Hunf! Que gentil (com expressão de desdém devolve a carta a Johan e se dirige à janela do trem) (BERGMAN, 1962)

Johan e a carta estabelecem um último momento possível de encontro entre as duas irmãs. E o detalhe que Bergman oferece é uma carta *escrita em outra língua*. Mas que língua? Certamente, não a língua vernácula da Suécia, mas uma linguagem de Encontro, que tão pouco foi vivenciado entre Ana e Ester ao longo de suas vidas.

FIGURA 1 – Cena do filme Luz do inverno

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=através+de+um+espelho+filme>

FIGURA 1 – Cena do filme Silêncio

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=através+de+um+espelho+filme>

Como abordado acima, as personagens bergmanianos buscam a si mesmos, numa tentativa desesperada de se conhecerem. Buscam um significado naquilo que há de mais insignificante em si. É aí empreender tal busca, procurando também o rosto do outro e o anor subtendido ao reconhecimento do outro. E nisto, Bergman se aproxima do pensamento de Lévinas quando este afirma que “A ética é agora, insistimos, uma infinita relação de aproximação à transcendência do outro

como outro, isto é, respeitado no absoluto da sua diferença em razão de nele, no seu rosto, se revelar Deus, o Infinito ou a transcendência”. (2003)

DOIS OLHARES SOBRE A VIOLÊNCIA

A leitura que Lévinas executa sobre a violência parte do conceito de Alteridade. O filósofo lituano, que presenciou o extremo de violência debruça-se exaustivamente na investigação filosófica sobre as raízes desse fenômeno humano que tanto marcou o século XX em que viveu.

Mas o olhar filosófico pode e deve acolher a contribuição de outras leituras sobre violência e as relações humanas. Uma delas é a leitura que a linguagem cinematográfica proporciona. E no caso específico do filósofo Lévinas, o cineasta Bergman tornou-se um parceiro de leitura bastante fértil.

Em entrevista cedida ao Instituto Humanitas Unisinos, o professor filósofo Castor Ruiz afirma que

Constituir uma sociedade a partir da alteridade humana tem um impacto sobre as instituições e as relações sociais. Destaco brevemente o aspecto da violência. Ainda que o pensamento de Lévinas seja metafísico, uma das preocupações mais claras é sua relação com a violência. Lévinas mostra como toda ontologia provoca um tipo de violência sobre o outro. O outro reduzido a conceito perde a capacidade de mostrar-se na singularidade do rosto próprio. Uma vez reduzido a conceito, fica fácil intervir sobre o outro de forma útil, instrumental e até violenta. Por sua vez, toda violência tem como condição de possibilidade a redução do outro à totalidade ontológica. Quando eu reconheço no outro um rosto singular, sua alteridade, minha possibilidade de violentá-lo, se esvai. Pelo contrário, quando o outro é só um número, uma estatística, uma imagem ou uma abstração (todas elas formas de ontologia), fica muito mais fácil intervir sobre ele de forma instrumental e até violenta. (2010)

Esta concepção levinasiana sobre o problema da violência é explorada indiretamente por Bergman em seus filmes. E o faz quando exhibe a imagem de pessoas que sufocam, oprimem, reprimem, machucam, anulam e “matam” outros. Sejam os “outros” pessoas próximas (parentes ou não) sejam pessoas “distantes” (com as quais não existem relações parentais). Bergman é levinasiano quando aponta para a possibilidade de Encontro de Alteridade, de diálogo aberto onde o Rosto do Outro se revela o transcendente. Lévinas, por sua vez, pode se lido sob o caleidoscópio fílmico oferecido por Bergman.

A leitura lógico-racional da filosofia de Lévinas recebe a colaboração de uma leitura imagética e racional-logopática² se complementaria no duplo objetivo de analisar as motivações históricas da violência, bem como as suas nefastas consequências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Breves palavras para uma discussão que não se conclui, mas apenas começou. O tema abordado possui uma força e uma fertilidade tamanhas, de forma que não seja esgotado nas páginas desse artigo que ora se encerra. Portanto, os limites que certamente persistiram em se manter neste texto, não devem impedir que novas discussões e leituras sejam desenvolvidas e publicadas. Pelo contrário, as contribuições levantadas no presente artigo devem e podem – pelo menos é o que se espera – estimular pesquisas e produções amplas e fecundas sobre violência, alteridade e cinema.

Espera-se que as possíveis lacunas que persistiram em se manter na discussão apresentada neste artigo não tenha eclipsado a compreensão pretendida em sua leitura. A discussão sobre as ideias de Lévinas que foi produzida e apresentada de maneira sintética talvez não tenha alcançado um teor de profundidade necessário, mesmo sabendo que não se pretendia mergulhar em águas mais profundas. A análise fílmica dos três filmes de Bergman poderia ser mais minuciosa, no entanto as poucas cenas analisadas oferecem pistas para quem se interessar numa leitura fílmica mais detalhada. Os prováveis limites do texto não minimizam a sua qualidade enquanto intenção de apresentar uma nova abordagem sobre um tema que não é exclusividade da filosofia, mas que o cinema também abraça e exhibe através de suas películas.

---

² Conceito postulado por Julio Cabrera, em seu livro *O cinema pensa – uma introdução à filosofia através dos filmes*. Este conceito consiste numa linguagem que apreendessem a realidade não apenas de uma maneira racionalmente lógica, mas que percebesse a realidade com um elemento afetivo. “o cinema não seria uma espécie de claudicação diante de algo que não tem nenhuma articulação racional, por conseguinte, seria dado um veículo ‘puramente emocional’ (equivalente a um grito), mas sim outro tipo de articulação racional, que inclui um componente emocional. *O emocional não desaloja o racional: redefine-o.*” (2006, p.18)

REFERÊNCIAS

Livros e Artigos:

CABRERA, Julio. **O cinema pensa** – uma introdução à filosofia através dos filmes. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BERGMAN, I. Bergmanorama: the magic Works of Ingmar Bergman. **Playboy**, Jun. 1964.

Disponível

em:

<<https://web.archive.org/web/http://bergmanorama.webs.com/playboy64>>

Acesso em: 11 Out. 2015

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós**. Ensaios sobre alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

_____. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____. **Deus, a Morte e o Tempo**. Coimbra: Almedina, 2003.

RUIZ, Castor. Alteridade, dimensão primeira do sujeito. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, RS, ano X, n. 334, 21 Jun. 2010.

Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/index>.> Acesso em: 12 Out. 2015.

VENÂNCIO, Romero. **Bergman e Dreyer, herdeiros cinematográficos de Kierkegaard**. Cadernos UFS – Filosofia, pp. 105-117.

Disponível em: <https://www.google.com.br/periodicos/cadernos_ufs_filosofia/...7>

Acesso em: 12 Out. 2015.

Filmes:

ESPELHO, ATRAVÉS DE UM. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Suécia: 1961. (89 mim.), som (legendado), preto e branco.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=t6cqVACqQhA> Acesso em: 16 Out. 2015

INVERNO, LUZ DE. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Suécia: 1961-62. (81 mim.), som (legendado), preto e branco.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=oZUoT3CY6Lc> Acesso em: 16 Out. 2015

SILÊNCIO. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Suécia: 1961. (95 mim.), som (legendado), preto e branco.

Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=KHEG5VAJwAQ> Acesso em: 16 Out. 2015